

Eixo Temático

HISTORIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

Título

EDUCAÇÃO E ALIENAÇÃO NO SÉCULO XXI: ALGUNS APONTAMENTOS

Autor(es)

SILVA, João Carlos da¹

BATISTA, Eraldo Leme²

Instituição

<UNIOESTE>

E-mail

eraldo_batista@hotmail.com

Palavras-chave

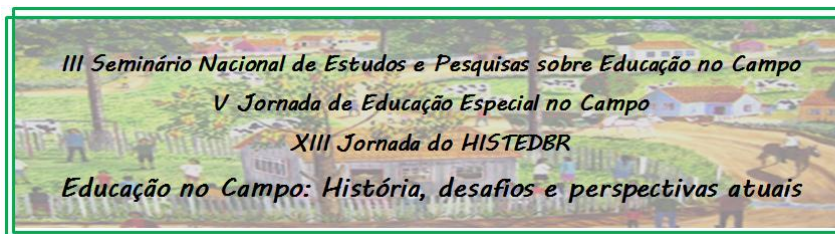
Alienação; Humanização; Luta de classes.

Resumo

A militância dos professores deve ser entendida como expressão das relações sociais em que a luta aparece como luta em defesa da humanização do indivíduo, pela afirmação das condições mínimas de sobrevivência. A sociedade burguesa, causa e consequência do trabalho alienado, aparece como a ordem da desumanização e da alienação, pois está fundamentada na defesa exclusiva da propriedade privada. Neste prisma, as relações humanas tornaram-se relação entre coisas, entre mercadorias. Outras formas de organização vem sendo buscada como a militância virtual. Neste embate o conhecimento aparece como instrumento de luta. Exigir dignidade e respeito pelos

¹ Professor no Colegiado do Curso de Pedagogia/UNIOESTE, Cascavel, PR Doutor em Educação/UNICAMP. Membro do Grupo de pesquisa HISTEDBR/GT-Cascavel. E-mail: jcsilva@unioeste.br

² Doutor em Educação pela Unicamp. Professor no Colegiado de Pedagogia UNIOESTE, membro do grupo de estudos HISTEDBR. E-mail: eraldo_batista@hotmail.com



profissionais da educação, o militante em favor da escola pública, pela valorização salarial, pela democratização do espaço escolar, não aceitar qualquer forma de opressão e perseguição. Militância na sociedade contemporânea significa acima de tudo lutar contra toda forma de discriminação ou preconceito na sociedade, em favor da igualdade de classe, raça, cor e gênero, uma educação que aponte uma perspectiva para além do capital. Um “mal estar docente” vem se instalando a cada dia, a partir da desintegração da luta sindical da atividade e a luta pela escola pública gratuita e de qualidade ameaçada.

Texto Completo

EDUCAÇÃO E ALIENAÇÃO NO SÉCULO XXI: ALGUNS APOSTAMENTOS

SILVA, João Carlos da¹

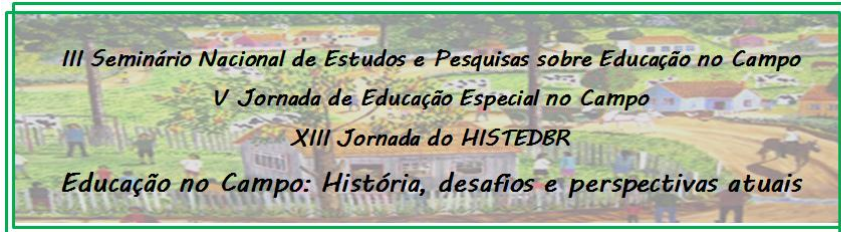
BATISTA, Eraldo Leme²

RESUMO

A militância dos professores deve ser entendida como expressão das relações sociais em que a luta aparece como luta em defesa da humanização do indivíduo, pela afirmação das condições mínimas de sobrevivência. A sociedade burguesa, causa e consequência do trabalho alienado, aparece como a ordem da desumanização e da alienação, pois está fundamentada na defesa exclusiva da propriedade privada. Neste prisma, as relações humanas tornaram-se relação entre coisas, entre mercadorias. Outras formas de organização vem sendo buscada como a militância virtual. Neste embate o conhecimento aparece como instrumento de luta. Exigir dignidade e respeito pelos profissionais da educação, o militante em favor da escola pública, pela valorização salarial, pela democratização do espaço escolar, não aceitar qualquer forma de opressão e perseguição. Militância na sociedade contemporânea significa acima de tudo lutar contra toda forma de discriminação ou preconceito na sociedade, em favor da igualdade

¹ Professor no Colegiado do Curso de Pedagogia/UNIOESTE, Cascavel, PR Doutor em Educação/UNICAMP. Membro do Grupo de pesquisa HISTEDBR/GT-Cascavel. E-mail: jcsilva@unioeste.br

² Doutor em Educação pela Unicamp. Professor no Colegiado de Pedagogia UNIOESTE, membro do grupo de estudos HISTEDBR. E-mail: eraldo_batista@hotmail.com



de classe, raça, cor e gênero, uma educação que aponte uma perspectiva para além do capital. Um “mal estar docente” vem se instalando a cada dia, a partir da desintegração da luta sindical da atividade e a luta pela escola pública gratuita e de qualidade ameaçada.

Palavras-chave: Alienação; Humanização; Luta de classes.

EDUCAÇÃO E ALIENAÇÃO NO SÉCULO XXI: ALGUNS APONTAMENTOS

Você pode até dizer que eu sou um sonhador. Mas não sou o único. Espero que um dia você se junte a nós. Aí, o mundo será como se fosse um (John Lennon)

Introdução

Em recente conferência para educadores, o historiador italiano, Mario Alighiero Manacorda lançou uma perspectiva não muito animadora: o aprofundamento das contradições e dos conflitos sociais, como fenômeno do século XXI. Que as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores em educação se degradaram muito nos últimos anos, já não é mais nenhuma novidade. Todavia, o que se coloca em pauta é a forma de luta dos professores diante deste processo. Diferentemente de muitos países, o Brasil não possui um sistema

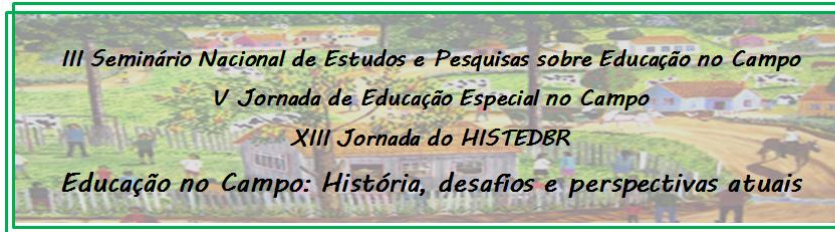
www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

escolar único. Aqui, temos escolas e públicas e privadas, laicas e confessionais, e muitas diferenças no interior de cada uma delas. O que há de comum, amplamente majoritária no ensino brasileiro é de remuneração insuficiente aos trabalhadores, condições de trabalho péssimas ou inadequadas e desprestígio do trabalho docente junto aos governos e a sociedade.

É verdade também que a degradação destas condições não é peculiar nos educadores, mas está presente no conjunto da classe trabalhadora brasileira assalariada tanto para trabalhadores do setor público quanto do setor privado. Este fenômeno coloca-se sob a forma do desemprego, do emprego informal, sem direitos e mal remunerado, redução ou supressão de direitos e queda da média salarial. No setor público, o arrocho salarial, já antigo, foi reafirmado pela Lei de Responsabilidade Fiscal. A precariedade das condições de trabalho, implantada pela Reforma Administrativa dos anos 90 e das sucessivas reformas, oficiais e oficiosas, da previdência. As más condições de vida e de trabalho no setor da educação, apesar de suas especificidades, fazem parte, portanto, de uma situação geral vivida pela grande maioria dos trabalhadores brasileiros.

Educação e alienação

Para Marx a alienação é originada pela divisão do trabalho. Quanto mais esta se desenvolve, maior é a tarefa atribuída a cada indivíduo, maneira pela qual a crescente pressão para a especialização dos assuntos, pelo professor e aluno, pode ser compreendida. A divisão do trabalho surge na sociedade como parte de um complexo que inclui divisões de classes, troca e propriedade privada.



A alienação aparece quando a divisão do trabalho tornou-se o princípio norteador da organização econômica capitalista. Marx, discutindo o trabalho alienado, afirmou de que o indivíduo, na sociedade capitalista é levado a fazer do trabalho atividade vital, sendo o único objeto de sua vontade e consciência. Neste prisma o trabalho havia se tornado um “a vida em si” e não “um meio para se viver”. É possível com o trabalho dos alunos e professores as escolas adquiram status, como, por exemplo, o índice de aprovações nos vestibulares, e a capacidade de atrair certo tipo de estudantes. O status pode, portanto, ser visto como uma forma de lucro.

Com efeito, a ciência e a técnica, que são a força produtiva e a riqueza maior, são gratuitas para o capitalista: «A ciência não custa absolutamente nada ao capitalista, o que não impede de a explorar. A ciência de «outrem» está incorporada no capital pela mesma razão do que o trabalho de outrem.» (MARX, 1978, p. 18).

A divisão do trabalho, no interior da produção capitalista, deu-se ao separar o trabalho manual do trabalho intelectual, implicando em todas suas contradições, como o acesso ao trabalho assalariado, tempo livre e a um tipo de educação:

Uma outra consequência do capitalismo é separar a arte da técnica, abstraindo-a cada vez mais da produção coletiva, para dela fazer uma questão individual. Carece então de todos os meios materiais: praticada em amadorismo, mergulha no esquecimento ou na insignificância; tornada venal sucumbe às negociatas burguesas (1978, p. 19)

O produto do trabalhador, o conhecimento, é com frequência estranho aos estudantes, que não o podem usar; é com frequência demasiado limitado, especializado, não-relacionado, abstrato. O aluno não tem controle sobre o que ele faz, ou o que é feito do produto. O "conhecimento" cresce em poder na medida em que os alunos gastam o que dele dispõem, e até adquire qualidades, devidamente modificadas, que o estudante

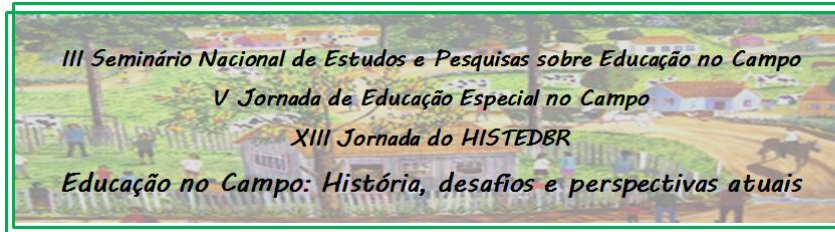


perde. Os alunos podem perder confiança e se considerarem como simples "apêndices" de seus produtos; assim, gradualmente, o "conhecimento" começa a controlar os produtores. A propriedade privada, por exemplo, tornou-se a expressão material do trabalho alienado.

É por isso que Marx e Engels estigmatizam de forma mais categórica as manifestações intelectuais do que as formas económicas e mesmo políticas das sociedades de classes: o proletariado deve agir ainda nas condições materiais da sociedade onde vive e produz, utilizando meios políticos, quando só dispõe de seu das suas ideias e dos seus princípios, nascidos do seu meio material de vida e de produção, para orientar a evolução social no sentido dos interesses socialistas – de classe em primeiro lugar, portanto ainda políticos, sem classe em seguida. Nestas condições, o marxismo origina primeiramente uma luta de ideias, e é neste domínio ideológico que se delimita em primeiro lugar, e mais radicalmente, em relação às formas de pensamento da burguesia e das classes dominantes que a precederam (Idem, 21-22).

Em Marx (2002), o trabalhador sempre sai perdendo em sua relação com o capitalista, em todas as situações possíveis e imagináveis do ponto de vista da economia como o crescimento, o salário, a produção, etc. Considera que a propriedade privada tornou-nos estúpidos e parciais, alienando todos os nossos sentidos, na busca do ter. A concorrência é a lei causadora da miséria da concentração de capitais e da ruína dos pequenos capitalistas. “O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído” (idem p. 112). A análise desse sistema forjadora de consciência explicita a condução de um modelo econômico que começava a ser questionado em função de suas contradições, como a estratificação social, a má distribuição de riquezas, a exploração e os demais fatores que objetificam o trabalho e alienam o homem de si mesmo, no que Marx chamou de processo de auto-alienação humana.

O conjunto das relações de produção, base material sobre a qual se levanta a superestrutura política, jurídica e ideológica, engloba as idéias morais, estéticas e religiosas. Assim, o modo de produção dos bens materiais condiciona a vida social, política e intelectual.



Para contrabalançar o determinismo econômico da teoria, Marx afirmou a existência de uma constante interação e interdependência entre a infra-estrutura e a superestrutura, embora, em última instância, os fatores econômicos sejam os determinantes:

É partindo de três princípios, que Marx-Engels tiram as suas conclusões teóricas, diametralmente opostas às das classes dominantes. Em primeiro lugar, não são os pensamentos e os desejos dos homens que fazem a vida e as circunstâncias materiais, são as condições económicas que formam a base de todas as manifestações intelectuais da sociedade humana. Se há educação, são, portanto as condições materiais que é preciso «educar» ou melhor revolucionar, e não as pobres cabeças! Ora, a crise económica que abala e perturba o mundo capitalista está em vias de ensinar mais «verdades» do que todas as ciências burguesas das escolas e universidades avariadas: ela leva as massas proletárias a intervir no sentido do seu programa de classe, e chegará à altura em que estabelecerão uma superestrutura política para «agir em contrapartida» sobre a economia, a fim de a transformar, após terem forjado um sindicato e um partido de classe (Idem, p.23).

Segundo tese de Marx, objeto de muita controvérsia, o modo de produção do capitalismo industrial conduzia de modo inevitável à superação da propriedade privada, não só pela rebelião dos oprimidos como pela própria evolução do sistema. Superado o regime de propriedade privada, o homem venceria a alienação económica e, em seguida, todas as outras formas de alienação de si mesmo. Marx insistiu no pressuposto de que o tipo de educação dominante expressava os interesses da classe dominante.

Em seguida, cada forma de produção e de sociedade sucessiva tem as suas ideias e o seu saber próprios. Claro que se combinam com um determinado fundo comum de todas as classes exploradoras, mas de cada vez de uma maneira específica. «Os pensamentos da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes. As ideias que predominam, por outras palavras, a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potência espiritual dominante. Em consequência, a classe que dispõe dos meios da produção material, dispõe ao mesmo tempo dos meios da produção intelectual, de tal forma que lhe estão submetidos também os pensamentos daqueles que

são desprovidos dos meios da produção intelectual. Os pensamentos dominantes não passam da expressão ideal das relações materiais dominantes: são essas relações materiais dominantes tomadas sob a forma de idéias. Por outras palavras, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, ou seja, as idéias da sua dominação. (Idem p.23-24)

Marx caracterizou o modo de produção capitalista como uma *imensa coleção de mercadorias*, a partir do predomínio absoluto da produção mercantil. O trabalho produtivo não é apenas aquele que produz mercadoria, mas que gera mais-valia. É para esse objetivo, para esta lógica que o processo educacional burguês irá servir.

O processo de alienação

Marx desenvolveu sua análise sobre a dinâmica do capitalismo formulando um aspecto de natureza filosófica ao falar da "alienação", do "fetichismo da mercadoria" e da "reificação". O capitalismo produz a alienação do homem afastando-se de si mesmo e dos outros homens na medida em que seu corpo, seu espírito, e seus amigos lhe são afastados. Durante todo o dia são trabalhadores, porém não têm clareza do que fazem ao se depararem com as mercadorias produzidas. As mercadorias não lhes aparecem como objetos feitos por eles, mas sim na forma de *mercadoria*, pois no mercado elas ganham vida própria, e eles, os trabalhadores, se tornam objetos que seguem as regras do mercado. Se não as consumirem não existem são "excluídos do mercado". Segundo a noção marxista de realidade concreta, a realidade das coisas não se apresenta imediatamente ao homem tal qual elas são.

Karel Kosik (1986), em *Dialética do concreto*, denomina este fenômeno como pseudoconcreticidade, fenômeno que mostra parcialmente a realidade, escondendo nela, uma essência a ser desvendada, portanto "[...] pesquisar o fenômeno é desvendar a essência oculta" (Kosik, p.13). Nesta perspectiva, para Marx, a relação entre os homens produtores, que se estabelece no "capitalismo", resume-se em uma *relação social* entre produtores. Tal relação não aparece dessa forma, mas é vista como uma relação em que os produtores não existem e



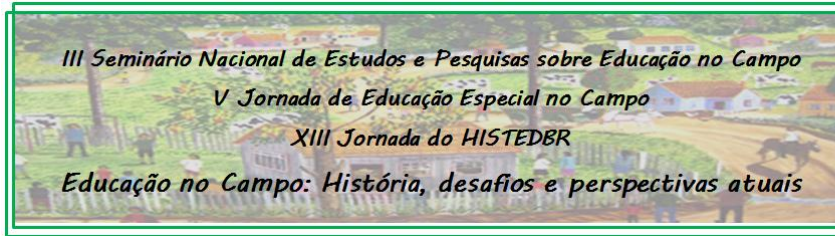
a relação se dá entre os produtos de seus trabalhos. Nesta relação entre coisas, aparece aos olhos de todos no "capitalismo" como uma relação de entes, quase que uma relação social entre entes vivos, chamada de "fetichismo da mercadoria", em que cada produto do trabalho humano é fetichizado, ganha vida e se põe diante do seu produto.

Marx inicia sua análise apontando a alienação como o fato econômico principal de sua época, a partir da seguinte questão: O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens (Manuscritos Econômico-Filosóficos, P.111).

O termo *alienação* advém do pensamento de Hegel, mas sua raiz também está em Ludwig Feuerbach, que formulou uma teoria do paradoxo da alienação humana a partir da religião. Em Hegel, este é um processo essencial pelo qual a consciência é ingênua e acaba se convencendo de que há um mundo independente, teoria desenvolvida na obra *Fenomenologia do Espírito* (1807).

A alienação em Marx é entendida como a relação contraditória do trabalhador com o produto de seu trabalho e a relação do trabalhador ao ato de produção, um processo de objetivação, tornando o homem estranho a si mesmo, aos outros homens e ao ambiente em que vive: "A apropriação surge como alienação, e a alienação como apropriação" (Marx, 2002, p.122). Ele não pertence à natureza, aos deuses, mas a alguém distinto do trabalhador, ou seja, ao capitalista. O trabalhador ao fabricar uma mercadoria, ele se torna uma, reduzindo-o em instrumento de riqueza de outros homens.

O homem, ao produzir uma mercadoria, ele mesmo se torna uma mercadoria, reduzindo-o a uma coisa. Concordando com a economia política, reafirma o trabalho como fundamento de toda a riqueza e de toda a propriedade, porém se realiza na sua forma alienada, isto é, no regime da propriedade privada: "O trabalho é tratado pela economia política como uma coisa, uma abstração" (idem, p. 77). A alienação do trabalho é considerada como a mãe de todas as outras alienações cabendo ao homem passar do entendimento de



alienação para o entendimento de práxis. Portanto, a propriedade privada é fruto do trabalho alienado. O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído. Quanto mais valor o trabalhador cria, mais sem valor e mais desprezível se torna. Quanto mais refinado é o produto mais desfigurado o trabalhador (idem, 2002 p. 112).

A sociedade burguesa, causa e consequência do trabalho alienado, aparece como a ordem da desumanização e da alienação, pois está fundamentada na defesa exclusiva da propriedade privada. As relações humanas tornaram-se relação entre coisas, entre mercadorias: “A propriedade torna para si um objeto estranho e não-humano” (p. 141). A busca do lucro, a concorrência, a disputa como os únicos elos que ligam os homens. Segundo Marx, a partir de uma determinação do próprio sistema cuja dinâmica cria condições para a sua manutenção. Marx ao inverter a dialética hegeliana, indica que o verdadeiro motor da história não são as idéias ou as teorias, mas a atividade humana objetiva, isto é, o trabalho. Esta tese marca o seu rompimento definitivo com o idealismo, culminando com a publicação da *Ideologia Alemã* (1845). O trabalhador sempre sai perdendo em sua relação com o capitalista, em todas as situações possíveis e imagináveis do ponto de vista da economia como o crescimento, o salário, a produção, etc.

Marx (2002), considera que “A propriedade privada tornou-nos estúpidos e parciais, alienando todos os nossos sentidos, na busca do ter”. A concorrência é a lei causadora da miséria da concentração de capitais e da ruína dos pequenos capitalistas. “O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído” (idem p. 112).

A análise desse sistema forjadora de consciência explicita a condução de um modelo econômico que começava a ser questionado em função de suas contradições, como a estratificação social, a má distribuição de riquezas, a exploração e os demais fatores que objetificam o trabalho e alienam o homem de si mesmo, no que Marx chamou de processo de auto-alienação humana. Vejamos: Toda a auto-alienação do homem de si e da natureza aparece na relação que ele confere a si e à natureza com outros homens diferentes dele. Daí que a auto-alienação religiosa apareça necessariamente na relação do leigo com o sacerdote



ou também, já que aqui se trata do mundo intelectual como um mediador, etc. No mundo efetivo, prático a autoalienação só pode aparecer através da relação efetivamente real, prática com outros homens”(MARX, 2002, p. 160).

A educação e a produção da alienação

Vimos que o processo de alienação em Marx é visto a partir da divisão do trabalho, que se desenvolve quanto menor é a tarefa atribuída a cada indivíduo. É partir desta perspectiva que a especialização do trabalho realizado pelo professor e aluno pode ser compreendida. Como vimos, a divisão do trabalho surge na sociedade como parte de um complexo que inclui divisões de classes, trocas e propriedade privada. A alienação aparece sempre que a divisão do trabalho é o princípio operacional da organização econômica. Diante desta análise, podemos afirmar que a escola se caracteriza como uma fábrica? Se a afirmação for verdadeira, quais os produtos realizados no espaço escolar que podem comprovar tal afirmação? Para encontrarmos tais evidências, partimos de duas dimensões principais: o professor e o aluno. Nesta lógica, o professor, um trabalhador comum, cujos produtos são, num sentido, seus alunos mas na situação em que trabalha, o que faz simplesmente afirma o caráter desses alunos como produtos capitalistas.

As relações sociais do aluno e professor são, assim, correlacionadas internamente, havendo uma contradição inerente no caso, porque um professor não é apenas um produtor, mas também um empregado daqueles que desejam *reproduzir* a sociedade, isto é seu *status quo*. Alguns professores se consideram como membros da burguesia, mesmo os professores que se consideram como proletários podem envolver-se em ações que são contrárias aos seus interesses. Talvez seja devido a esse tipo de contradições que a situação de sala de aula é vista, com frequência, como de conflito. Vejamos: Vê-se o que a burguesia e o Estado fizeram pela educação e a instrução da classe trabalhadora. Por sorte, as condições em que vive esta classe asseguram-lhe uma formação prática, que não só substitui toda a incoerência escolar, mas ainda neutraliza o efeito pernicioso das idéias religiosas confusas de que está revestido o ensino – e é isto mesmo que coloca os operários à frente do movimento de toda a Inglaterra.



A miséria não ensina apenas o homem a orar, mas ainda muito mais: a pensar e a agir (MARX & ENGELS. *Crítica da Educação e do Ensino*, p. 69). Marx argumenta que é da natureza do homem produzir objetos nos quais ele se reflete, porém esses objetos lhe são tomados pela lógica da produção vigente. Ele é incapaz de ser dono do produto de seu trabalho, e se torna estranho à sua própria criação, que o enfrenta como algo hostil e alheio. Essa alienação do homem e seu produto também implicam a sua alienação em relação aos outros homens. A precondição da existência é o trabalho, mas no capitalismo o próprio trabalho transformou-se numa mercadoria: É assim que os operários são postos à parte e desprezados pela classe no poder no plano moral, como o são nos planos físico e intelectual. O único interesse que ainda se tem por eles manifesta-se pela lei, que lhes deita a mão assim que se aproximam demasiado da burguesia; tal como para com os animais despidos de razão, só se utiliza com eles um único meio de educação: o chicote, a força brutal que não convence, mas que só intimida (Marx, 1979, p. 71). Professores e alunos, no interior da ordem capitalista, são considerados em termos daquilo que podem produzir, e, portanto, as produções consideradas como valiosas são aquelas que podem ser avaliadas com facilidade. Muitos alunos sofrem as pressões das notas, pontos, exames, qualificações.

O processo envolvido na atribuição de notas e avaliação influencia também os professores, afetando suas relações, a maneira pela qual lecionam e o próprio currículo. Os professores podem ser considerados ao mesmo tempo como trabalhadores e como mercadorias em produção. Dentro da escola, o aluno tem também um potencial de trabalho. Ao trocar o produto de seu trabalho por objetos na forma de pontos, notas, ou diplomas e certificados, podemos compará-los aos salários, ou recompensa. A atividade dos alunos na escola, portanto, é uma relação e expressão da atividade na sociedade. Como outros trabalhadores, o aluno tem necessidade de objetos para realizar seus poderes, mas não dispõe da oportunidade de adquirir esses objetos. Nesse processo, os alunos são transformados em produtos ou mercadorias a serem vendidas no mercado. Os alunos são categorizados apenas em termos de certas características que os estudantes ideais devem ter: interesse, disciplina, capacidade, inteligência: Uma sociedade, cuja condição *sine qua non* é reproduzir num pólo a miséria e no outro a riqueza, produz forçosamente também, dum lado, a civilização e, do outro, a bestialidade: «Segundo Storch, o médico «produz» a saúde (mas também as doenças), os professores e os escritores as luzes mas também o obscurantismo (idem, p. 11).



A divisão do trabalho, no interior da produção capitalista, deu-se ao separar o trabalho manual do trabalho intelectual, implicando todas as suas contradições, como o acesso ao trabalho assalariado, tempo livre e a um tipo de educação. Uma outra consequência do capitalismo é separar a arte da técnica, abstraindo-a cada vez mais da produção coletiva, para dela fazer uma questão individual. Carece então de todos os meios materiais: praticada em amadorismo, mergulha no esquecimento ou na insignificância; tornada venal sucumbe às negociatas burguesas (idem, p.19). O produto do trabalhador, o conhecimento, é, com frequência estranho aos estudantes, que não o podem usar, é, com frequência demasiado limitado, especializado, não relacionado, abstrato. O aluno não tem controle sobre o que ele faz, ou o que é feito do produto. O "conhecimento" cresce em poder na medida em que os alunos gastam o que dele dispõem, e até adquire qualidades, devidamente modificadas, que o estudante perde. Os alunos podem perder confiança e se considerarem como simples "apêndices" de seus produtos. Assim, gradualmente, o "conhecimento" começa a controlar os produtores.

A propriedade privada é a expressão material do trabalho alienado: É por isso que Marx e Engels estigmatizam de forma mais categórica as manifestações intelectuais do que as formas econômicas e mesmo políticas das sociedades de classes: o proletariado deve agir ainda nas condições materiais da sociedade onde vive e produz, utilizando meios políticos, quando só dispõe de seu das suas idéias e dos seus princípios, nascidos do seu meio material de vida e de produção, para orientar a evolução social no sentido dos interesses socialistas – de classe em primeiro lugar, portanto ainda políticos, sem classe em seguida. Nestas condições, o marxismo origina primeiramente uma luta de idéias, e é neste domínio ideológico que se delimita em primeiro lugar, e mais radicalmente, em relação às formas de pensamento da burguesia e das classes dominantes que a precederam (idem, p. 21-22). No trabalho alienado, o produto do Homem existe fora dele, independentemente, como alguma coisa alheia a ele e que se torna um poder em si mesmo, que o enfrenta. O aluno não tem controle sobre o que ele faz, ou o que é feito do produto. O "conhecimento" cresce em poder na medida em que os alunos gastam o que dele dispõem, e até adquire qualidades, devidamente modificadas, que o estudante perde. Os alunos podem perder confiança e se considerarem como simples "apêndices" de seus produtos; assim, gradualmente, o "conhecimento" começa a controlar os produtores. A propriedade privada é a expressão material do trabalho alienado.

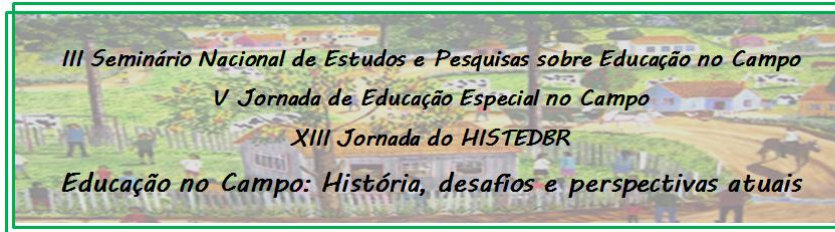


O cerne da crítica à educação burguesa, parti da alienação do processo de produção e da fragmentação da atividade do homem e do estranhamento do próprio homem.

Diferente da concepção da economia política clássica, o capitalismo, segundo Marx, não consiste em uma coisa, um conjunto de máquinas, equipamentos ou terras, mas é uma relação social constituída historicamente, caracterizada pela compra e venda da força de trabalho, uma relação entre proprietários dos meios de produção e o proprietário da força de trabalho. O homem tornou-se uma mercadoria: A máquina adapta-se à fraqueza do homem para fazê-lo uma máquina (idem, p. 151). Na sociedade da mercadoria, o trabalho é coercivo não devido à sua natureza, mas devido às condições históricas sob as quais é realizado. Nas condições da economia capitalista, a troca de mercadorias consiste no fenômeno mais banal e elementar, cuja produção é realizada em circunstâncias tão alienadoras que o trabalho e a atividade criativa do homem torna-se um processo de desumanização. Para Kosik (p. 78), o homem vive constantemente entre a autenticidade e a não-autenticidade, devendo haver cotidianamente um esforço intelectual para libertar-se de uma existência que não lhe pertence, mas que lhe é imposta pelas relações de produção.

Historicamente, as limitações intelectuais, da classe operária, foram impostas pelas condições do trabalho industrial, exigindo um componente subversivo para que o trabalhador, no interior das contradições da ordem burguesa, alcance sua consciência: O desenvolvimento intelectual de classe é a consequência direta da situação econômica do operário, e esta é das mais complexas, porque evolui nas contradições, nos altos e baixos dos ciclos de crise e de prosperidade, com fases revolucionárias ou contra-revolucionárias. O marxismo afirma, todavia que «a grande indústria faz amadurecer as contradições e antagonismos da forma capitalista do processo de produção, ou seja, ao mesmo tempo em que os elementos, de formação e de consciência, os elementos subversivos da velha sociedade (idem, p.34).

A educação burguesa ignora a sensibilidade do aluno, interessada exclusivamente pela suas capacidade de produção, impondo a ela uma concepção do trabalho produtivo: Quando Marx afirma que a educação deve partir da prática e da sensibilidade própria da criança, «os sentidos práticos, e sobretudo o nariz e a boca, sendo os primeiros órgãos com os quais a criança julga o mundo», não faz mais do que retomar a crítica de Fourier a qualquer ensino da «civilização»: «A escola-coloca a teoria antes da prática. Todos os sistemas civilizados caem neste erro: não sabendo seduzir a criança para o trabalho, são obrigados a deixá-la em férias

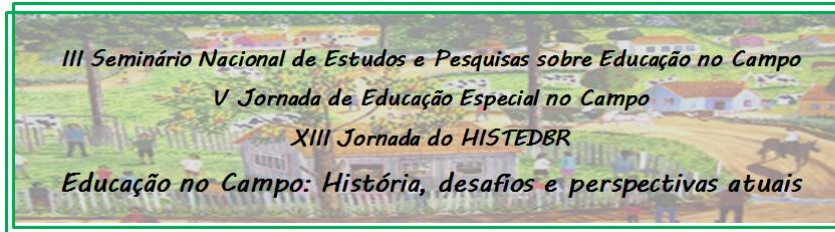


até aos 6 ou 7 anos, idade que ela deveria ter utilizado para se tornar um hábil prático; depois, aos 7 anos, querem iniciá-la na teoria, nos estudos, em conhecimentos cujo desejo ninguém nela despertou.(idem, p.37).

No interior da sociedade capitalista a burocracia tornou-se instrumento de dominação das classes exploradas, em que o pensar e o decidir são privilégios de um grupo. A burocracia visa controlar o trabalho e as formas de pensar, cuja característica principal é o segredo, o mistério como uma atividade fechada. Idolatra a autoridade e exalta regras rígidas, conservando tradições. A abertura de espírito ou das mentalidades em relação ao Estado aparece conseqüentemente como uma traição deste mistério, apesar de a autoridade se tornar o princípio do seu saber, e a idolatria da autoridade ser o seu espírito. Nesta passagem, verificamos a crítica de Marx as origens da escola burguesa, em seu aspecto economicista da educação e do indivíduo: Muitos rapazes que freqüentaram a escola durante as 150 horas prescritas, encontram-se exatamente no mesmo estado, ao cabo de 6 meses da sua estadia na fábrica, do que no ponto de partida; esqueceram naturalmente tudo o que tinham aprendido antes.

Noutras empresas de estampagem sobre algodão, a freqüência da escola depende totalmente das exigências do trabalho na empresa. O número de horas obrigatórias é aí satisfeito em cada período de 6 meses por prestações de 3 a 4 horas de cada vez, disseminadas por todo o semestre. A criança, por exemplo, vai à escola um dia das 8 às 11 da manhã, outro dia da 1 às 4 da tarde, depois durante toda uma série de dias para aí voltar em seguida das 3 às 6 horas da tarde durante 3 ou 4 dias seguidos ou durante uma semana. Desaparece de novo três semanas ou um mês, depois volta durante algumas horas em certos dias de folga, quando por acaso o patrão não precisa dela. A criança passa assim da escola para a fábrica e da fábrica para a escola, até que se atinja o total das 150 horas (MARX, 2002, p. 68).

Neste processo, o homem é alienado da natureza, de si mesmo e da humanidade, e que esses aspectos estão relacionados entre si, em que o trabalho se torna não a satisfação de uma necessidade, mas apenas o *meio* para a satisfação de outras necessidades, que não lhe pertence. A vida do trabalhador se torna, para ele, apenas o meio que lhe permite existir. Em outros termos, o sujeito humano se torna o objeto de seus próprios produtos. Visto a essa luz, o capital é o ego alienado do homem. Marx acusa a economia política de ser a ciência da riqueza, da renúncia, da privação do ar puro, “[...] comer, beber, comprar livros, ir ao teatro,



ou al baile, ao bar, quanto menos cada um pensar, amar, teorizar, cantar, pintar, poetar, etc”.
(idem , p.151-152).

Considerações finais

Como vimos a questão educacional em Marx, é considerada a partir de sua produção material, ao expor as conseqüências sociais decorrentes do emprego da maquinaria no processo produtivo. A fragilização física e intelectual do trabalhador frente ao capital, é um dos seus principais efeitos, sobretudo a partir do processo de divisão do trabalho imposto pela máquina. A incorporação de mulheres e crianças à produção, a precarização das condições de trabalho, dos salários, causada pela grande oferta de força de trabalho, produziu um quadro de miséria material e moral para os trabalhadores.

No campo educacional, o professor também é um trabalhador comum, e seus alunos na lógica capitalista acabam sendo transformados em mero produto capitalista. Muitas vezes o professor não é apenas um produtor, mas também um empregado daqueles que desejam *reproduzir* a sociedade, isto é seu *status quo*. Finalmente, cabe lembrar que alguns professores se consideram como membros da classe socialmente privilegiada, por outro lado, mesmo os professores que se consideram como proletários podem envolver-se em ações que são contrárias aos seus interesses, como resultado do processo de alienação que este está sendo submetido, tornando o profissional da educação estranho a si mesmo, aos outros indivíduos, aquilo que produz e ao ambiente em que vive. Talvez seja devido a esse tipo de contradições que a situação de sala de aula é vista, com frequência, como espaço de tensão e conflito, pois nem sempre os problemas e desafios que habitam o universo do aluno, são os mesmos que habitam o universo dos professores.

No interior da sociedade capitalista, o saber tornou-se componente de uma estrutura burocrática, como instrumento de dominação das classes exploradas, em que o pensar e o decidir são privilégios de uma elite. A burocracia, ao controlar o trabalho e as formas de pensar, fez do conhecimento um segredo, um mistério a ser desvendado por poucos.



Idolatrando autoridades, exalta as regras rígidas e conserva tradições A abertura de espírito ou das mentalidades em relação ao Estado aparece, portanto, como uma traição deste mistério, cujo circula ninguém escapa.

O homem não sendo o fim da economia burguesa, tornou-se instrumento de produção, tratado como máquina, submetido às relações sociais opressoras e alienando a verdadeira necessidade humana. No campo educacional, o professor também é um trabalhador comum, e seus alunos na lógica capitalista acabam sendo transformados em mero produto capitalista. Muitas vezes o professor não é apenas um produtor, mas também um empregado daqueles que deseja *reproduzir* a sociedade, isto é seu *status quo*. Não existindo uma escola neutra, despojada de qualquer interesse. Diante destes pressupostos, a escola pública, enquanto espaço de vivência, ainda está longe de se tornar um espaço de humanização.

Neste prisma a militância dos professores deve ser entendida como expressão das relações sociais em que a luta aparece como luta em defesa da humanização do indivíduo, pela afirmação das condições mínimas de sobrevivência. Neste embate o conhecimento aparece como instrumento de luta Lutar. A militância dos professores também deve ir para além de questões salariais. Como nos ensinou Paulo Freire, deve exigir dignidade e respeito pelos profissionais da educação, o militante em favor da escola pública, pela valorização salarial, pela democratização do espaço escolar, não aceitar qualquer forma de opressão e perseguição. Garantir a gestão participação efetiva na elaboração de políticas públicas para a educação. Assim democracia deve ser entendida enquanto liberdade de expressão e pela igualdade social. Deve sobretudo explicitar ações afirmativas e valorização da escola pública, numa luta constante vigilante em defesa da melhoria da escola pública, estatal, gratuita de qualidade. Significa ainda exigir sindicatos como representantes efetivos dos professores.

Ao nosso ver a militância na sociedade contemporânea significa, acima de tudo lutar contra toda forma de discriminação ou preconceito na sociedade, em favor da igualdade de classe, raça, cor e gênero, enfim uma educação que aponte uma perspectiva para além do capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

BRINHOSA, Mário César. **A Função Social e Pública da Educação na Sociedade Contemporânea**. In: LOMBARDI, José Claudinei. **Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas, SP: Autores Associados: Caçador, SC: UnC, 2001. (Coleção Educação Contemporânea.)

FERNANDES, F. (Org.) **Marx & Engels: história**. São Paulo: Ática, 1989. 496p.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

D. McLELLAN. A concepção materialista da história. In: HOBBSAWM, Eric J. **História do Marxismo: O marxismo no tempo de Marx**. PP. 67-89 V. 1: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 443p.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 230p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 198p.

_____ **O capital**. Vol. I. São Paulo: Difel, 1985. 289p.

_____ **Para a crítica da economia política do capital: o rendimento e suas**

fontes. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (Col. Os Pensadores). 351p.

_____ **Crítica da educação e do ensino**. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes Editores, 1978. 255p.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

SMITH, A. **A riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. Vol. 1 São Paulo: Nova Cultural, 1985.415p.

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo

V Jornada de Educação Especial no Campo

XIII Jornada do HISTEDBR

Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo

V Jornada de Educação Especial no Campo

XIII Jornada do HISTEDBR

Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015